



Citemor a quente

Não leva tanta gente como Vilar de Mouros, mas também é a céu aberto e durante o Verão. O Citemor continua em cena em Montemor-o-Velho. Os próximos dias reinjectam energia no festival de teatro mais antigo do país. Depois de uma abertura "mágica" - com Falfum, pelo Trigo Limpo, de Tondela, que invadiu o castelo e instalou um conto de Herman Hesse com dezenas de actores - , o momento mais esperado é o dos **Sena Plastikarna**.

A companhia é polaca (já esteve em Portugal em 1994, em Coimbra) e vem da Universidade Católica de Lublin. O espaço que ocupa em Montemor é o de um antigo celeiro agrícola (junto à Ponte Alagoa), onde poderá ser visto *Wrota/A Saída*. Teatro sem palavras para interpretações puramente visuais, justapostas a uma banda sonora concebida para a peça. A linha artística vem sendo aprofundada desde 1972. Há mais de duas décadas à frente da companhia está Leszek Marzik. Num volume sobre o trabalho do grupo, é ele quem escreve: «a ideia dos espectáculos refere-se a paixões últimas e a estados existenciais de que o Homem não está sempre consciente e que a mente nem sempre pode acompanhar» - e a explicação sustenta a performance muda de cada actor.

Wrota/A Saída (hoje, amanhã e sexta, às 23 horas) anuncia a reposição de *Dom São Sebastião*, de Francisco Camacho, que faz a última aparição este ano (é no sábado, também às 23, no Castelo). Oportunidade última em 96, portanto, para ver o trabalho deste coreógrafo. Mas convém também destacar Lúcia Sigalho e o seu Leonardo. Trata-se da apresentação de um workshop desenvolvido desde o início do Citemor (iniciado a 26 do mês passado), cuja expectativa para a estreia é grande (domingo, no Teatro Esther de Carvalhos).

De resto, o festival teatral mais descentralizado do país oferece ainda uma exposição no Convento de Santa Maria dos Anjos, intitulada *Estórias e Locais Históricos Relacionados com as Artes do Espectáculo*. A mostra inscreve-se num programa da Comunidade Europeia, de acordo com o projecto de protecção patrimonial arquitectónica. São dezenas de painéis com fotografias de salas de espectáculo do Velho Continente, desde o século XVIII até hoje. Tem de deslochar os três portugueses que andam por lá.